

## ERA UMA VEZ: CONTOS DE FADAS NO CINEMA

Autor: Werlayne Kelly Anacleto Quaresma Estrela

*Universidade Estadual do Rio Grande do Norte  
E-mail: werlaynequaresma@gmail.com*

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é oferecer meios para facilitar o letramento literário em sala de aula, ressaltando a importância do professor para o êxito desse processo. Para promover o ensino de literatura, será proposto que se utilize de adaptações cinematográficas de obras literárias, em especial do conto de fadas *Cinderela*, como forma de resgatar o interesse pelo texto original. Será feito um resgate da importância dos contos de fada para atrair a atenção dos alunos, por serem textos curtos e de uma identificação com a vida dos alunos, e demonstrar-se-á, através das adaptações fílmicas, que os contos de fadas têm uma importância fundamental para o desenvolvimento intelectual da criança. O cinema é veículo atraente para um resgate dos contos de fadas para os alunos, visto que as obras mais adaptadas para o cinema na atualidade são contos de fadas, e esse dado deve ser levado em consideração quando se trata também do seu uso na sala de aula.

**Palavras-chave:** Literatura, Cinema, Conto de Fada, Sequência Didática.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de parte de um capítulo da nossa monografia de conclusão do Curso de Especialização em Estudos Literários do Centro de Formação de Professores da UCFG, intitulada LITERATURA E CINEMA: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS COM CONTOS DE FADAS (2016). O objetivo central do recorte aqui apresentado é analisar as relações entre o conto de fadas *A gata borralheira*, na versão de Charles Perrault e sua mais recente adaptação para o cinema, *Cinderella* (2015). Inicialmente será trazido à tona um percurso histórico dos contos de fadas e suas reverberações do ensino de literatura, buscar destacar aspectos relevantes para o processo de ensino-aprendizagem de modo geral, embora com foco no ensino de literatura para o nível Fundamental. Posteriormente, será feita uma análise comparativa entre as duas obras, mostrando pontos de semelhança e de diferença.

Este artigo busca oferecer meios facilitadores para o ensino de literatura, utilizando o cinema como uma relevante ferramenta, fazendo um resgate da importância da leitura do texto e também da leitura de mundo, e para o melhor desempenho do professor na sala de aula. A análise proposta é direcionada aos alunos do ensino fundamental II, do 8º e 9º ano. Esta etapa de aprendizagem é a mediadora entre a infância e a adolescência, de modo que os alunos estão em fase de descoberta, em busca de sua identidade e, travando seus primeiros contatos com a literatura na escola. Sendo assim, a literatura pode ser tratada pelos docentes como uma inspiradora fonte de desenvolvimento e crescimento intelectual.

### METODOLOGIA

Neste artigo discutiremos, por exemplo, as origens e algumas implicações dos contos de fadas, o papel da escola na promoção do ensino de literatura através deles, o seu valor para o desenvolvimento cognitivo do aluno, bem como aspectos das duas obras selecionadas para ilustrar as questões acima citadas, a saber, *A gata borralheira* e sua adaptação mais recente para o cinema, *Cinderella* (2015), buscando investigar os problemas que tem impedido que se leve a efeito e à contento, a efetivação do letramento literário, foco deste trabalho. Para melhor fundamentar as discussões, tomaremos como base, os estudos de Coelho (2000), Machado (2002), Guimarães (2012), dentre outros.

As discussões teóricas arroladas a seguir são fundamentais para o professor, atuante no ensino fundamental, que vem atuando muitas vezes com lacunas advindas de cursos de letras com matrizes curriculares que não contemplam devidamente a questão dos contos de fadas. Diante disso, munir o professor com os conhecimentos que serão debatidos adiante, sobretudo com discussões atuais e recentes, oferece ao professor um espaço de conhecimento e debate acerca do valor de se trabalhar com literatura e cinema em sala de aula.

## RESULTADOS

Os contos de fadas são as obras literárias mais adaptadas para o cinema e televisão. Eles agradam todas as faixas etárias, sendo repassados de geração a geração. De acordo com Coelho (2000, p. 173), o conto de fadas

[...] originou-se entre os celtas, com seus heróis e heroínas, cujas aventuras estavam ligas ao sobrenatural e ao mistério do além-vida e visavam a realização interior do ser humano, tal como surgiu e se desenvolveu desde as origens a forma conto se diferencia em ‘maravilhoso’ e ‘de fadas’.

O autor também destaca que:

o núcleo das aventuras no conto maravilhoso é sempre de natureza material/social/sensorial (a busca de riqueza; a satisfação do corpo; a conquista do poder, etc, já os contos de fadas é de natureza espiritual/ética/existencial (Nas raízes dos contos de fadas estão presentes as novelas de cavalaria... ciclo do Rei Artur e seu grande cavaleiro, Galaaz) (COELHO, 2000, p. 173).

Eles vêm se perpetuando durante séculos, a maioria das pessoas, enquanto crianças, tiveram contatos com eles e isso desperta um interesse por tais obras, já que os contos encantam aos alunos também, por abordar temas corriqueiros da vida, tais como, medo, amor, dificuldade de ser criança, carência, alto descoberta, perdas e buscas, encorajando o desenvolvimento do leitor. No entender de Coelho (2000, p. 173):

Limitado pela maturidade de seu corpo e do mundo em que vive, é natural que o homem tenha desejo sempre em uma ajuda mágica. Entre ele e a possível realização de seus sonhos, aspirações, fantasia, imaginação... sempre existiram *mediadores* (fadas, talismãs, varinhas mágicas...) e *opositores* (gigantes, bruxas ou bruxos, feiticeiros, seres maléficos...).

O místico encanta, nos maravilha, o medo da morte assusta, faz refletir sobre a vida após a morte, os dilemas do dia a dia, as decepções e a esperança que fazem o leitor acreditar que possa existir “um final feliz”. Tudo isso está presente nos contos de fadas. Um dos motivos para eles serem tão populares entre todas as faixas etárias é a possibilidade de fazerem o leitor mergulhar novamente na infância, através do imaginário, e trazer à tona lembranças e experiências vivenciadas de forma individual ou não.

Coelho (1991, p. 9) afirma que:

O maravilhoso, o imaginário, o onírico, o fantástico [...] deixaram de ser vistos como pura fantasia ou mentira, para ser tratado como portas que se abrem para determinadas verdades humanas.

A realidade muitas vezes é dura e muito infeliz, portanto, o maravilha, o fantástico, possibilitam ao aluno uma fuga da realidade. Os alunos enxergam nos contos a possibilidade de superar seus dilemas da mesma forma como as personagens conseguira, muitos se identificam por passarem pelas mesmas dificuldades, sendo os contos fontes de vários temas

que podem possibilitar muitos debates em sala de aula. Coelho (2000, p. 107) fala sobre a relação entre real e fantástico:

Essa convivência do real como o fantástico está presente nos animais e seres inanimados que falam e se comportam como humanos; nas metamorfoses frequentes que, com o avanço do espiritualismo cristão, vão-se identificando com os milagres. Enfim, tudo nesse universo literário arcaico parece dotado de poderes mágicos; inclusive desaparecem as fronteiras entre real e imaginário – recurso ou visão de mundo que, hoje, voltou a dominar a literatura para crianças ou adultos.

A estrutura do conto de fadas possui início, meio e fim, e possibilita ao leitor criar um caminho para uma melhor compreensão tema e conflitos neles abordado. Para Machado (2002), a leitura de bons livros traz ao leitor certo comportamento ao perceber em uma personagem características reconhecidas em si mesma e, ainda, a capacidade de transportar o leitor para outros mundos propiciando uma experiência enriquecedora.

Atualmente, os contos de fadas estão em evidência no meu cinematográfico, e sempre foram fonte de inspiração para o cinema, mas frequentemente vem recebendo novas roupagens. Os contos são ricos em elementos fantásticos, que estimulam a imaginação em todos os sentidos, sobretudo através da linguagem do cinema e da televisão, como artes audiovisuais. Eles tornam possível uma experiência que outrora só existia na imaginação do leitor, assim, “[...] a representação simbólica é um recurso estilístico mais rico do que a representação realista (mimética), porque esta última limita-se a fixar o específico do real a ser transfigurado” (COELHO, 2000 p. 106).

As adaptações dos contos de fadas para o cinema possibilitam ao professor explorar diversas temáticas, pois são uma constante no cotidiano dos alunos, através dos desenhos animados, séries de Televisão e filmes. Esses contos vêm se perpetuando de geração a geração e independente da época que foram inscritos eles desempenham um papel muito importante na formação dos leitores, a preservação de ambientes próprios de sua época possibilita ao aluno uma viagem no tempo, mesmo sendo releituras com roupagem atual. Guimarães (2012, p. 73) deixa claro que:

[...] um filme adaptado trava diálogo com a sua própria época e tem compromissos com o meio onde é inscrito, o que não permite uma fidelidade irrestrita ao texto de origem [...]. Portanto, por mais ligada que esteja a uma obra anterior, a adaptação fílmica pode ser considerada, em certa medida, como uma nova criação, apesar de recíproca ao texto original.

Por se tratar de ficção, os contos de fadas são vistos por alguns como apenas um conteúdo qualquer para o divertimento e entretenimento da criança, no entanto, mesmo apresentando uma realidade diferente em que ambos estão lidando, o leitor e o conto, há vários pontos nessas obras em que ambos os universos se conectam, mostrando uma relação com o leitor, pontos em que ele vive no seu cotidiano e da mesma forma que o conto escrito tem mostrado sua importância, assim tem acontecido com suas adaptações para a televisão e o cinema.

## **DISCUSSÃO**

Azaredo (1996, p. 138) afirma que, “[...] ninguém pode dizer que a literatura não tenha continuado influenciando o cinema, e a frequência de adaptações literárias, [...] é uma prova disso”. Azaredo falava isso nos anos noventa. Atualmente as adaptações cinematográficas, principalmente de contos de fadas, são uma constante nas telonas, mais do que nunca os números de adaptações são consideráveis e tanto os clássicos como a literatura moderna estão

sendo apreciadas, o exemplo mais recente é o filme *Cinderela* (2015), baseado no conto do escritor francês Charles Perrault, de 1697. Os contos de fadas são tão adaptados como qualquer outro texto, a exemplo disso temos a obra mais adaptada para o cinema e outras artes, como opera, ballet, show no gelo, poesia, teatro entre outras, é um conto de fadas *Cinderela*.

Existem várias versões do conto *Cinderela* presentes nas mais diversas culturas, sua real origem é incerta e, neste trabalho, a versão escolhida para a análise do conto *Cinderela* é a do escritor Charles Perrault, por ser a história mais conhecida do conto e por inspirar a adaptação cinematográfica que será analisada, que é o filme *Cinderela* (2015) dos estúdios Walt Disney.

Nesta versão do conto, nota-se que o nome *Cinderela* não é utilizado, sendo o termo A GATA BORRALHEIRA para descrever a filha legítima do fidalgo, que era chamada por esse termo habitualmente pelas irmãs postiças invejosas, tendo em vista que a Borralheira sempre se refugiava em um canto da lareira e sentava-se nas cinzas. Vale constar que esse termo possui uma grande carga de humilhação, deixando claro a forma de rebaixamento e/ou lembrando que ela está em uma posição inferior às irmãs, não passando de uma serviçal (escrava), portanto uma tentativa frustrante de diminuir sua beleza, o que na prática acabava sendo inútil, pois a beleza da Gata Borralheira não era ofuscada mesmo estando ela vestida com trapos e suja.

Vale ressaltar a representação literária do bem e do mal na história através da figura das personagens, como o bem representado pela Cinderela e o mal pela madrasta e suas irmãs “[...] o bem-estado representado pelas características positivas herdadas da mãe e o mal relacionado à postura e à conduta indevidas da madrasta e das irmãs [...]” (CHRISTOFOLETTI, 2011). Enquanto a Gata Borralheira é sempre gentil, atenciosa, humilde e virtuosa, suas irmãs são cruéis, mesquinhas e egoístas. Nesse cenário, as atitudes bondosas da Gata Borralheira parecem incomodar as irmãs malvadas, que insistem em humilhá-la como uma forma de vê-la rebaixada, contudo, elas (as irmãs) parecem possuir um medo oculto da irmã Borralheira que nunca reage, embora pudesse fazê-lo.

Nota-se que a Borralheira é bastante passiva aos ataques das irmãs, embora isso a faça sofrer muito, mas nunca passou por sua cabeça vingar-se, apenas aceitar pacientemente e se apegar à esperança por dias em que aquele sofrimento teria um fim. Fica claro que ela sempre manteve os bons modos, mesmo diante de tantas afrontas. Nesse sentido, pode-se inferir que este popular conto, apesar de sua simplicidade, engloba vários aspectos que envolvem a relação entre o bem e o mal, aonde no final, tudo se resolve e todos aprendem lições valiosas. É o que discute Christofolletti (2011, p. 23-24):

O popular conto da Gata Borralheira, superficialmente, pode ser interpretado como uma história enganadoramente simples, porém, a partir de uma leitura um pouco mais profunda e reflexiva percebe-se, segundo Bettelheim (1991), que esta narrativa engloba aspectos que vão desde os sofrimentos que podem ser causados pela rivalidade entre irmãos, os desejos que se tornam realidade, da exaltação da humildade, até a recompensa do culto às virtudes e do castigo da maldade e, por isso mesmo atrai tanto o leitor.

O pai da Gata Borralheira só é mencionado no início, sendo omitido completamente do restante da narrativa, de modo que não é possível saber nada a seu respeito, o que leva o leitor a crer que sua presença é irrelevante para o desenrolar da narrativa.

Deve-se lembrar aqui que todos os acontecimentos se passam apenas entre as três mulheres da história, sendo omitida até a presença da madrasta. Pode-se notar que esse conto também permite refletir sobre o poder da mulher, como fica claro na análise a seguir:

[...] Esse aspecto do conto pode ser compreendido como o papel fundamental da mulher na família e na sociedade, pois todos os acontecimentos com as três mulheres da história acontecem apenas entre elas. Não esquecendo, todavia, o contexto em que foram escritas essas versões, relativo à questão do gênero feminino perante a sociedade, podemos perceber que as mulheres exercem a função incontestável do poder sobre os rumos de suas próprias vidas e também sobre os dos homens que pertencem às suas vidas [...] (CHRISTOFOLETTI, 2011, p. 42).

Já a figura da Fada Madrinha merece destaque como representante do elemento mágico. Simbolicamente, ela também retrata a figura da mãe que a Gata Borralheira perdeu, já que ela é atenciosa, afetuosa e cuidadora, cumprindo tudo o que promete à sua protegida. Percebe-se também o quanto a figura da fada Madrinha associada ao poder da Natureza, mostra sua exaltação e sua importância como elemento bucólico, fazendo Cinderela alcançar a paz espiritual, um contraponto com a paixão pelos bens materiais impostas pelas irmãs invejosas e materialistas.

Por fim, o conto mostra que o casamento com o príncipe acaba sendo uma forma de libertação de todo o sofrimento vivido. O príncipe demonstra aceitar a Gata Borralheira como ela é, e não como poderia ser, tendo-a encontrado justamente através do sapato de cristal perdido, que simboliza claramente a riqueza material daquela sociedade. E mais importante do que tudo, a Gata Borralheira mostra a todos o poder do perdão, mesmo depois de tanta humilhação e sofrimento causado por suas irmãs invejosas. É como se o amor e o perdão triunfassem sobre a inveja e a crueldade. Eis um dos ensinamentos morais do conto.

O filme *Cinderela* (2015) é mais uma refilmagem do clássico conto de fadas da Disney. Cinderela aqui se chamar, na verdade, Ella, uma clara alusão ao nome Cinderela, pelo qual passará a ser conhecida. Nesta trama, depois de vários anos após a morte da mãe de Cinderela, seu pai, um comerciante que está sempre viajando a negócios, decide casar-se novamente com uma viúva, que se torna a madrasta de Ella. Com isso, a madrasta e suas duas filhas vêm morar na casa a qual Ella sempre viveu.

Depois de um tempo, o homem adoece e morre, deixando Ella aos “cuidados” de sua madrasta que, ao contrário de Cinderela, não lamenta a morte da figura do provedor, mas pelo fato de ficarem pobres a partir dali, por não terem condições de administrar as finanças da casa. Eis aqui o emblemático caráter da sociedade patriarcal. Com o marido morto, a casa de Ella caíra na pobreza e ruína. Tal condição justifica a demissão dos empregados por parte da madrasta, que acaba colocando aquela que deveria ser sua “protegida” na condição de “subordinada servil”. Um outro ponto é que o pai, com a morte, fica ausente dos acontecimentos do restante da narrativa, tal qual o conto de Charles Perrault.

Depois de algum tempo, Ella decide fugir daquela situação a qual foi submetida e, nessa andança, cruza com aquele que um dia viria a ser o seu salvador, o Príncipe. Deve-se notar que tal situação nunca aconteceu nos contos na sua forma escrita ou oral, sendo proporcionado nesta obra cinematográfica, de uma maneira bastante simbólica. Essa fuga de Ella representa, mesmo que temporariamente, uma espécie de fuga da sua realidade humilhante e sofrida, sendo presenteada com a passagem do príncipe que funciona como um presságio do que viria a acontecer.

Ella não revela seu nome ao Príncipe que se apresenta como Kit. Essa cena é bastante simplória, mostrando que um príncipe possui denominação, enquanto uma “camponesa” não é conhecida por seu nome, e sim por suas funções sociais. Vale ressaltar que a natureza sempre surge como um lugar aonde Ella pode refletir sobre sua vida, pensar a respeito de sua condição, encontrar a paz. Tais elementos são importantes, pois mostra que Ella tenta encontrar forças na própria Natureza, um lugar cheio de paz e harmonia, sem humilhação e sem receios.

Quanto ao Rei, doente, deseja que seu filho se case para garantir a segurança e o futuro do Reino. Nesta parte, o Príncipe já demonstra sua intenção de usar o baile para possivelmente conhecer aquela jovem que encontrara na floresta. Tal situação não acontece no conto, pois neste, o Príncipe nunca vira a misteriosa princesa antes. No entanto, no desenrolar da trama, Ella é proibida de ir ao baile, mas sua fada madrinha surge para lhe dar suporte. Aqui observa-se que a fada madrinha aparece através do elemento *Deus Ex-Machina*, termo latino de origem grega, que significa literalmente "Deus surgido da máquina", e é utilizado para indicar uma solução inesperada, improvável e mirabolante para uma obra ficcional. Nota-se claramente que Ella não teria uma saída para solucionar suas amarras, mas a fada madrinha aparece como uma salvadora da protagonista.

O filme possui fotografia perfeita e roteiro encantador, pois segue quase totalmente os acontecimentos descritos no clássico conto de fadas. O vestido azul de Ella é bastante representativo, ilustrando sua majestade transformada a partir de um vestido antigo de sua mãe, outra personagem ausente no conto. Esse fato mostra o quanto Ella sente falta da sua mãe, mas também mostra o quanto ambas se amavam e o quanto eram ligadas. O vestido foi uma das coisas que restou da progenitora e representa justamente sua memória e ligação com a filha.

Já no que diz respeito ao baile, se no conto ele tem destaque pela sua simplicidade descritiva e narrativa, o filme mostrou o baile de uma maneira muito pomposa, a ponto de alcançar o exagero. No final, um outro ponto que merece nota é que, após o príncipe encontrar a dona do sapato de cristal, que a liberta, prevalece o poder do perdão, mas aqui a madrasta e suas irmãs tem um final amargurado, ao contrário do conto, em que a Gata Borracheira casa suas irmãs com dois fidalgos. No filme, a madrasta partiu com um grão-duque, levando suas duas filhas, e nunca mais retornaram.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado em um apanhado de teóricos que discorre sobre tais temas, este artigo trouxe reflexões sobre a importância da leitura em sala de aula, entrando em cena o resgate da importância dos contos de fadas para a formação do leitor, que pode, através destes, ser estimulado a desenvolver o gosto pela leitura literária. O conto de fada é um texto pouco trabalhado em sala de aula, por muitos o considerarem sem muita importância, apesar de ser um dos gêneros de maior apreciação, por parte dos alunos.

Para se utilizar deste gosto pessoal que os contos de fada despertam, um recurso atraentes são as adaptações fílmicas baseadas em alguns deles. Para sua utilização em sala de aula é fundamental que o professor esteja preparado para utilizar esses novos meios de comunicação e, através destes, despertar nos alunos a curiosidade em conhecer o texto que deu origem aquele filme.

Trabalhar com contos de fadas no Ensino Fundamental, por exemplo, ajuda na promoção do letramento literário, ao instigar no aluno o prazer de ler, desde que isto seja feito de maneira crítica, buscar formar leitores críticos que percebam sutilezas na linguagem e nas temáticas abordadas das obras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fany. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 2. Ed. São Paulo: Papiros, 1994.

- AMORIM, Marcel Alvaro de. (Re) Criando Shakespeare: *Adaptação cinematográfica de obras literárias como prática de leitura*. – Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- AZERREDO, Genilda. Literatura, cinema, adaptação. In: *Graphos*. Revista de Pós-Graduação em Literatura da UFPB. Ano I, vol. 2. João Pessoa: EDUFPB, 1996.
- BALDI, Elizabeth. *Leitura nas séries iniciais: uma proposta para a formação de leitores de literatura*. Porto Alegre Editora Projeto, 2009.
- BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez, 2ª Ed. 1994.
- BAZIN, André. Por um cinema impuro: defesa da adaptação. In: BAZIN, André. *O cinema: ensaios*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei, nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: 1997-1998.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/ SEF, 1998*.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998*.
- BRITO, João Batista. *Imagens Amadas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1995.
- BRITO, João Batista. *Literatura no cinema*. São Paulo: Unimarco, 2006.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática. 1991
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna. 2000.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola/Teresa Colomer*. São Paulo: Global, 2007.
- ESTRELA, Werlayne Kelly Anacleto Quaresma. *Literatura e cinema: sequências didáticas com contos de fadas*. Cajazeiras: UFCG (monografia de conclusão de Curso de Especialização). 59fl.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez. 2006.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2,ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. *Teoria(s) da adaptação e as aporias da fidelidade*. – Tuiuti: Ciência e Cultura. Curitiba: 2012.
- \_\_\_\_\_. *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (coleção Explorando o Ensino; v.20).
- MACHADO, Ana Maria (2002). *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva..
- PELLEGRINI, Tânia et. al. *Literatura e Televisão*. São Paulo: Editora Senac e Instituto Itaú de Cultura, 2003.

RUFINO, C.; GOMES, W. *A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança na fase da pré-escola*. São José dos Campos: Univap, 1999.

SALES, Francisco Luiz Oliveira. *Cinema e verdade*. São Paulo: Companhia das Letras e Rio de Janeiro: Fundação do Cinema Brasileiro, 1988.

STAM, Robert. *A literatura através do cinema: realismo, magia e arte da adaptação*. – Belo horizonte: Editora UFMG, 2008.

STAM, Robert. *Teoria e Prática da Adaptação: Da Fidelidade à Intertextualidade*. (2006, p. 49). In: CORSEUIL, Anelise R. (ed): *Ilha do desterro: Film Beyond Boundaries*. – Florianópolis: UFSC, nº 51, Jul/Dez 2006

XAVIER, Ismael (Org.) *O cinema no século*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

## FILMOGRAFIA

**CINDERELLA**. Título no Brasil: Cinderela Título Original: Cinderella. Ano de Lançamento: 2015 Gênero: Aventura / Romance País de Origem: EUA Duração: 105 minutos Direção: Kenneth Branagh Estúdio/Distrib.: Walt Disney Pictures. Idade Indicativa: Livre

## WEBLIOGRAFIA

PERRAULT, Charles. *A Gata Borralheira*. Disponível em: <http://www.portal-biblon.com/files/gatab.pdf>

LAUREN; Filme - Resenha #14 - Cinderela (2015). 2015, (s.p.). Disponível em: <http://blograzaesliterarias.blogspot.com.br/2015/07/filme-resenha-13-cinderela-2015.html>. Acesso em 11 de Março de 2016.